

THIAGO COUTINHO/AT



HILMA VALADARES disse que valão que passa pelo bairro era límpido e cheio de peixes, diferente da situação atual. “Meus filhos viviam tomando banho no valão, usavam até folhas de bananeira para fazer jangada”, relembra

A TRIBUNA COM VOCÊ EM ITAPUÃ

Professora enfrentou falta de água e energia

Hilma Valadares foi uma das primeiras moradoras do bairro e teve de superar falta de estrutura até a região se desenvolver

Rayza Fontes

Ser um dos primeiros moradores de um bairro requer muita disposição. Ao mudar para Itapuã, em Vila Velha, a professora aposentada Hilma Valadares de Oliveira, 72 anos, enfrentou falta de água, de energia elétrica, de ruas pavimentadas e de transporte até buscar melhorias.

“Quando eu cheguei, o bairro ainda chamava Apicum do Poço. Não havia vizinhos no início, depois foi aparecendo uma casinha ou outra. Havia muita lama e areia, gado passeando pelas ruas. Quan-

do lembro, não acredito que hoje as coisas são tão desenvolvidas”, contou Hilma.

Uma fábrica de bebidas e um abatedouro eram os únicos estabelecimentos do bairro, afirmou a moradora. Ela também contou que o canal da Costa, valão que passa pelo bairro, era límpido e cheio de peixes.

“Meus filhos viviam tomando banho no valão, usavam até folhas de bananeira para fazer jangada. A chegada do abatedouro e os dejetos que eles jogavam é que começaram a deixar a água suja como está agora”, contou ela.

Para conseguir energia elétrica, antes de fazer abaixo-assinado e reuniões com autoridades, a moradora usava um fio doado da fábrica de bebidas para ligar uma lâmpada e a geladeira.

E a água era comprada em barris de jovens que traziam do centro de Vila Velha.

“Em tempos de dificuldade as

peças se unem mais. Como a gente não tinha nada, sempre nos reuníamos embaixo de uma árvore e eu fazia bolo. A associação de moradores do bairro surgiu naquelas reuniões. Meu marido tinha uma caçamba e trazia material que sobrava das obras para construir a sede”, lembrou a aposentada.

CONQUISTAS

Entre as conquistas do grupo, Hilma destacou a criação de um estatuto para a associação de moradores, em 1972, a abertura de um caminho para chegar à praia sem ter de passar pelo brejo e pela vegetação e as maiores conquistas: energia elétrica, água corrente e esgoto.

“Minhas irmãs sempre pedem para que eu more mais perto delas, na Barra do Jucu, mas Itapuã é minha vida. Sou muito feliz, criei meus filhos aqui e lutei muito por esse lugar.”

HISTÓRIA DO BAIRRO

Nome indígena

> **A ORIGEM** do nome Itapuã vem da língua tupi e tem como significado “pedra que ronca”. Na Bahia, uma praia famosa recebe o mesmo nome, inclusive com a mesma grafia.

> **O PRIMEIRO** nome do bairro, que era uma fazenda antes de ser loteada, foi Apicum do Poço, entretanto os moradores não sabem a origem do nome.

> **A PRAIA** de Itapuã fica entre as praias de Itaparica e da Costa.

> **PARA TER ACESSO** à praia, costumava-se passar por trilhas cheias de pitangueiras, cajueiros, goiabeiras e outras árvores frutíferas, além de moitas de espinhos.

Fonte: Moradores do bairro.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Itapuã, em Vila Velha, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro. As indicações podem ser enviadas para o e-mail atcovoce@redetribuna.com.br. Quem mora em outro bairro pode sugerir uma visita de **A Tribuna com Você** ao local.

Pescador faz tarrafas aos 89 anos

THIAGO COUTINHO/AT



JOÃO faz e conserta redes de pesca: “O mar me trouxe muitas alegrias”

O pescador mais antigo em atividade na Colônia de Pescadores de Itapuã, em Vila Velha, vai completar 90 anos e ainda está em atividade. O morador do bairro faz e conserta redes de pesca, as chamadas tarrafas, todos os dias.

“Eu não deixei de ser pescador, só não estou mais no mar todos os dias, mas ainda vivo a vida da pesca”, contou João da Cruz Cardoso.

Com o registro de pesca na Capitania dos Portos desde 1943, o pescador de Itapuã é considerado um ícone na comunidade local, além de sempre dar conselhos e ser muito requisitado na hora de consertar as redes estragadas.

“Quando eu cheguei, já existiam uns poucos pescadores aqui na

praia, mas hoje eu sou o único ainda vivo. As coisas mudaram muito. Principalmente a abundância de peixes, que antigamente era tanta que a gente deixava de pegar para não estragar, porque sempre sobrava muito”, lembrou.

Orgulhoso por ter conseguido construir a sua casa e a dos seis filhos com o dinheiro da pesca, ele contou que pensou em seguir a profissão de mecânico, mas a vida o obrigou a seguir o ofício do pai, e ele não se arrepende.

“O mar me trouxe muitas alegrias, eu gosto de Itapuã por causa da praia, da tranquilidade e da paz. Hoje, com o progresso na região, digo que não conheço mais Vila Velha, só o mar não muda.”